

“PURGATÓRIO POLÍTICO”: A CONCEPÇÃO DE PODER UNITÁRIO DE DANTE ALIGHIERI NA FLORENÇA DO SÉCULO XIV

“POLITICAL PURGATORY”: DANTE ALIGHIERI’S CONCEPTION OF UNITARY POWER IN THE 14TH CENTURY FLORENCE

“PURGATORIO POLÍTICO”: EL CONCEPTO DE PODER UNITARIO DE DANTE ALIGUIERI EN LA FLORENCIA DEL SIGLO XIV

Rodrigo Peixoto de Lima¹
Mariana Bonat Trevisan²

Resumo

Através desse estudo buscamos compreender as concepções políticas defendidas por Dante Alighieri, pensador laico florentino do século XIV, em suas obras. Particularmente, pretendemos analisar as voltadas à valorização do pensamento e do poder laicos (o poder temporal em comparação com o poder espiritual) presentes em sua obra *Divina Comédia* (em específico, no texto referente ao Purgatório), traçando comparativos com outro escrito do autor: *De Monarchia*.

Palavras-chave: Dante Alighieri. *Divina Comédia*. *Da Monarquia*. Pensamento político na Baixa Idade Média.

Abstract

Through this study, we seek to understand the political conceptions defended by Dante Alighieri, a 14th century Florentine secular thinker, in his works. In particular, we intend to analyze the political conceptions aimed at valuing secular thought and power (the temporal power in comparison with the spiritual power) present in his work *Divine Comedy* (specifically, in the text referring to Purgatory), drawing comparisons with another writing by the author: *De Monarchia*.

Keywords: Dante Alighieri. *The Divine Comedy*. *The Monarchy*. Political thought in the Late Middle Age.

Resumen

A través de este estudio tratamos de comprender las concepciones políticas defendidas por Dante Alighieri, pensador laico florentino del siglo XIV, en sus obras. Particularmente, pretendemos analizar aquellas dirigidas a la valoración del pensamiento y poder laicos (el poder temporal en comparación con el poder espiritual) presente en su obra *Divina Comedia* (en específico, en el texto referido al Purgatorio), estableciendo comparaciones con otro escrito del autor: *De la Monarquía*.

Palabras-clave: Dante Alighieri. *Divina Comedia*. *De la Monarquía*. Pensamiento político en la Baja Edad Media.

1 Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo discutir as concepções políticas de Dante Alighieri, um pensador laico florentino que viveu entre 1265-1321, portanto, entre os séculos XIII e XIV. Nesse ascender do baixo medievo, Dante representava a defesa do poder laico em detrimento

¹ Licenciado em História - Uniandrade - Centro Universitário Campos de Andrade. E-mail: rodrigolimapeixoto01@gmail.com.

² Professora Orientadora Uniandrade - Centro Universitário Campos de Andrade / UNINTER – Centro Universitário Internacional. E-mail: mariana.t@uninter.com.

do poder espiritual no campo da política, valorizando a questão da unidade através da instituição monárquica.

Para esta análise, foram analisadas a obra de caráter literário *Divina Comédia* e a obra política *De Monarchia*. Ambas foram produzidas pelo autor no século XIV, na Península Itálica, talvez um dos locais de maior disputa entre o poder do imperador do Sacro Império Romano Germânico e do papa (além da região do reino de França), devido à proximidade das cidades-estados italianas com a sede central da Igreja.

No texto da *Commedia*, o Purgatório pode ser visto como um reino onde há esperança, onde já se poderiam ver as estrelas, “Saímos por alí, a rever estrelas” (ALIGHIERI, 2017, p. 230. Inferno XXXIV, 139)³, em oposição à inscrição da entrada do inferno “Deixai toda esperança, vós que entraís.” (ALIGHIERI, 2017, p. 37. Inferno III, 9)⁴. Assim, além da busca pela salvação, há a intenção de anunciar uma possível modificação na organização política italiana.

Dante pode ser considerado um grande influenciador da cultura ocidental ao longo do tempo. Na *Commedia* se coloca como herdeiro de Virgílio e, conseqüentemente, herdeiro da cultura greco-romana, que foi retomada com maior afinco durante o Renascimento. Influenciou a produção da epopeia *Paraíso Perdido* no século XVII, de John Milton, além do romance literário da atualidade *Inferno*, escrito por Dan Brown em 2013 e adaptado para o cinema em 2016.

No contexto do baixo medievo, Dante foi um homem que esteve inserido nos debates políticos de Florença, participando de confrontos pela cidade e da comissão de governo da comuna. Também pode ser considerado um influenciador político pelas obras *Monarquia* e *Convívio*. Na literatura ajudou a difundir o *Dolce Stil Nuovo*⁵, além da publicação da *Divina Comédia*, que pode ser julgada como uma obra herdeira de todo um modo de produção literária greco-romano.

Este trabalho se insere na linha da História Cultural (compreendendo as dimensões e interligações entre a História Política, Cultural e Social) tendo como objetivo realizar a conexão destas perspectivas a partir da análise das proposições políticas de Dante Alighieri. Permeia o nosso estudo a aproximação entre literatura e história, uma vez que, de acordo com Pesavento (2006, p. 2), ambas são “narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço,

³ “E quindi uscimmo a riveder le stelle.” (ALIGHIERI, 2017, p. 230. Inferno XXXIV, 139) [tradução da edição]

⁴ “lasciate ogne speranza, voi ch'intrate” [tradução da edição] (ALIGHIERI, 2017, p. 37. Inferno III, 9).

⁵ O *Dolce Stil Nuovo* é uma corrente literária Trecentista que se caracterizava pela inacessibilidade de um amor idealizado, no caso de Dante, um amor também intelectualizado (SANTOS, 2014, p. 328), e que não era uma imitação da poesia provençal (FRANCO JUNIOR, 2000, p. 29).

mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral”. Também ocorre a tentativa de compreender o imaginário do período, em seu caráter político e social (MAGALHÃES, 2016, p. 105).

2 Sobre a Baixa Idade Média

Um tema de estudo de grande relevância sobre a Baixa Idade Média é o do desenvolvimento das cidades em toda a Europa no período. A cidade no medievo pode ser observada como um espaço separado do campo — apesar da sua necessidade dos campos que se encontram próximos —, relacionado ao comércio e ao artesanato (LE GOFF, 2017, v. 1, p. 254). Desta maneira as cidades podem ser entendidas como participantes das relações de poder no medievo e como integrantes das estruturas feudais (LE GOFF, 2007, p. 150).

Esta expansão citadina se produziu em um período de prosperidade devido à comercialização dos excedentes da produção agrícola e ao aumento dos materiais disponíveis para o artesanato (LE GOFF, 2007, p. 151), o que se conectou também com uma expansão das feiras, da necessidade da cunhagem de moedas e da ascensão dos banqueiros. Ainda sobre o comércio, não poderia ser esquecido o contato com o Oriente, pelo interesse na compra e venda de produtos que não eram produzidos na Europa (LE GOFF, 2017, v. 1, p. 250-251). Esse contato ocorreu principalmente a partir das cruzadas convocadas pelo papa Urbano II, em 1095. Apesar de todo o desenvolvimento das cidades, deve ser considerado que no máximo 20% da população europeia vivia nos centros urbanos (FRANCO JUNIOR, 2000, p. 27).

Ligado ao desenvolvimento urbano, ocorreu no século XII um crescimento de escolas abertas por clérigos que recebiam remuneração pelo ensino, o que modificou a composição do perfil dos estudantes: antes apenas participavam do ensino os clérigos; com esta modificação, os filhos da nobreza e das camadas altas e médias urbanas também tiveram acesso à educação (LE GOFF, 2017, v. 2, p. 641). Avançando no tempo, no início do século XIII surgiu a universidade de Paris, com o reconhecimento do governo da região da França e do papa Gregório IX (LE GOFF, 2017, v. 2, p. 643). Quanto ao seu papel cultural, as universidades promoveram a leitura de textos e a disputa de temas (nas chamadas *disputatios*), um caminho para a liberdade intelectual (LE GOFF, 2017, v. 2, p. 653).

Sobre o contexto da Itália, a região era marcada pela presença de diversas cidades-estados, que possuíam uma forma própria de governo. Florença era governada por um conselho de 12 anciãos, substituídos anualmente. Contava também com a presença de dois juízes estrangeiros, um *potestà* e um capitão do povo (MAQUIAVEL, 2007, p. 83). Após

aproximadamente 10 anos, foram acrescentados a este sistema de governo 12 representantes, os chamados “Bons Homens”, e dois conselhos de cidadãos, chamados *Credenza* e *Popolani* (MAQUIAVEL, 2007, p. 91). A partir de 1282, as corporações definiram que seriam eleitos três cidadãos que receberiam o título de *priori* e governariam durante dois meses⁶ (MAQUIAVEL, 2007, p. 92).

Também devem ser consideradas as disputas entre o partido dos gibelinos e o dos guelfos. Estes conflitos iniciam com um desacordo entre as famílias Buondelmonti e Amidei, devido a um casamento não concretizado que causou injúria aos Amidei (MAQUIAVEL, 2007, p. 81). Assim, as famílias Amidei e Uberti se uniram e mataram Buondelmonti; como consequência, as cidades se dividiram em dois partidos: os que seguiam a família Buondelmonti foram chamados de guelfos e os que seguiam a família Uberti foram chamados de gibelinos; os gibelinos eram favoráveis ao Império e os guelfos, contrários ao império e favoráveis à Igreja (MAQUIAVEL, 2007, p. 82). Por outro lado, o conflito entre Brancos e Negros foi o resultado de uma divisão do partido guelfo que gerou uma disputa armada e dividiu a cidade de Pistoia (MAQUIAVEL, 2007, p. 100). Quando estas facções chegaram à Florença, os Negros se aproximaram de Corso Donati e os Brancos de Veri de Cerchi (MAQUIAVEL, 2007, p. 104).

Maquiavel também refletiu sobre o crescente poder da Igreja, afirmando que ela passou a ganhar poder a partir da afirmação de Carlos Magno, que “declarou que o papa, era o vigário de Deus, não podia ser julgado pelos homens; e o papa e o povo romano o fizeram imperador” (MAQUIAVEL, 2007, p. 30).

Segundo Skinner, o primeiro papa que demonstrou a pretensão de governar nos assuntos temporais e, conseqüentemente, manifestou interesse pela plenitude de poder nos assuntos temporais e espirituais, foi Alexandre II (SKINNER, 1996, p. 36). Bonifácio VIII reprisou as teorias dos papas anteriores na Bula *Unam Sanctam*, dizendo que na sociedade cristã haveria dois gládios, o espiritual e o temporal, e apenas o poder espiritual teria condições de conduzir o poder temporal (SKINNER, 1996, p. 36).

Frederico II iniciou uma campanha militar para tomar a Itália e ser coroado como imperador, em Roma, em 1236. Encerrou a campanha em 1248 por falta de dinheiro (SKINNER, 1996, p. 27). Durante a estada de Frederico II na Itália, o partido guelfo, que possuía mais poder, forçou alianças com Pistoia e Arezzo, além de destruir castelos e levar a população de Florença, fatores que somados a uma conduta arrogante faziam com que o partido

⁶ Maquiavel também define esta forma de governo como a “ruína dos nobres” (MAQUIAVEL, 2007, p. 83), devido ao enfraquecimento da nobreza citadina e o fortalecimento da burguesia ligada ao comércio e às artes liberais.

dos gibelinos contasse com um apoio maior da população e uma aproximação com a Igreja para manter as liberdades da cidade (MAQUIAVEL, 2007, p. 85).

Outra tentativa ocorreu com Henrique VII⁷, que chegou à Itália em 1310 e cercou Brescia em 1311, antes de ir até Roma e ser coroado pelo papa. Porém os florentinos — em prol de manter a autonomia da cidade — promoveram revoltas em Pádua, Gênova e Lodi no final de 1312. Depois de aguardar reforços para um novo assalto, o imperador morreu, ainda no início da campanha (SKINNER, 1996, p. 28). Segundo Maquiavel, a presença do imperador somada à volta dos exilados dos partidos guelfos e gibelinos suscitou embates entre as duas facções na região da Lombardia (MAQUIAVEL, 2007, p. 53).

3 Sobre Dante

Dante foi um homem que viveu a passagem do século XIII para o XIV e levou em si a atividade intelectual do primeiro século e as angústias do segundo (FRANCO JUNIOR, 2000, p. 13). Nasceu em Florença em 1265 e pertencia a uma família nobre, porém não de grande prestígio na cidade. Sobre a sua educação, sabe-se que um de seus mestres foi Brunetto Latini⁸ (ALIGHIERI, 2014, p. 59).

O momento em que conheceu Beatriz Portinari também pode ser considerado de grande importância, uma vez que ela seria a sua musa inspiradora. Ele a viu, por primeira vez, aos 9 anos e apenas 9 anos depois voltou a vê-la (ALIGHIERI, 2014, p. 86). Este amor por Beatriz nunca se concretizou, talvez devido à prematura morte dela, porém pode ser traduzido nas obras de Dante como uma exaltação à mulher amada como uma criatura celeste, um amor idealizado.

A partir do seu interesse literário, Guido Cavalcante⁹ tornou-se amigo de Dante (ALIGHIERI, 2003, p. 151), que chegou a indicar o início dessa amizade na obra *Vida Nova*, quando Cavalcante respondeu um de seus poemas dizendo “Viste, ao meu parecer, todo valor” (ALIGHIERI, 2003, p. 95).

Após a morte de Beatriz, em 1290, Dante começou a se dedicar ao estudo da filosofia, principalmente das obras de Boécio e Cícero. Passou a integrar a Corporação da Arte dos Médicos e dos Farmacêuticos, com o objetivo de colaborar mais ativamente na vida política florentina (ALIGHIERI, 2003, p. 151). Sobre a participação na política de Florença, integrou o

⁷ Henrique de Luxemburgo (1216-1281).

⁸ Um burguês e funcionário da administração comunal florentina além de ser apaixonado pelas Letras (ALIGHIERI, 2003, p. 151).

⁹ Poeta representante do *Dolce Stil Nuovo* (SANTOS, 2014, p. 328).

Conselho Especial do Povo entre 1295 e 1297, e foi prior entre 15 de junho a 15 de agosto de 1300 (ALIGHIERI, 2003, p. 151).

Em 1301 foram enviados embaixadores a Roma, entre eles estava Dante, com o objetivo de convencer o papa a manter o governo dos Brancos e afastar o partido dos Negros de Florença¹⁰, porém Bonifácio VIII reteve os embaixadores em Roma enquanto Carlos de Anjou favorecia o controle dos Negros em Florença (ALIGHIERI, 2003, p. 74). Quando Dante tenta regressar à cidade, já se encontra condenado ao exílio e ao pagamento de multa de 5 mil florins à administração florentina (ALIGHIERI, 2003, p. 151).

Dante passou os últimos dias da vida em Ravena; ao voltar de viagem a Veneza como embaixador, a pedido de Guido de Polenta, Dante adoeceu e morreu em 13 de setembro de 1321 (ALIGHIERI, 2003, p. 155).

4 Produções “Dantescas”

A *Commedia* não foi a única obra atribuída à autoria de Alighieri; “próximo do ano de 1286 escreveu os 232 sonetos de *Il Fiore*, uma brilhante adaptação toscana do *Romance da Rosa*” (BRAND, 2008, p. 41)¹¹; esta obra alterna narrativas e concepções filosóficas (SANTOS, 2014, p. 328). No mesmo documento, pode ser encontrado o texto *Detto d’Amore*, composto por 400 versos que têm muitas lacunas e estão em estado ruim de conservação (SANTOS, 2014, p. 328).

Vita Nuova foi a primeira obra da qual há certeza da autoria de Dante. Escrita entre 1293 e 1295 (ALIGHIERI, 2012, p. 5680), consiste nas memórias de Dante; passa-se do primeiro momento em que o poeta percebe Beatriz até um pouco depois da morte da amada. Esta obra, considerada a memória do amor por Beatriz, alterna poesia e prosa, tem influência da literatura provençal e da literatura clássica, principalmente o poeta Ovídio (BRAND, 2008, p. 41).

Dentro das diversas produções poéticas também pode ser citada *Rime*, composta por 54 poesias atribuídas a Dante, que não se encontravam em *Vita Nuova* ou em *Convivio*. Estes textos se encontravam espalhados por manuscritos e foram compilados em um cancionero (SANTOS, 2014, p. 329), escrito entre 1280 e 1306-7; contém poemas dedicados a Fioretta e Liseta e poemas a Guido Cavalcanti (BRAND, 2008, p. 44).

O texto de *Convivi* foi produzido entre 1304 e 1307, escrito em língua vulgar, o que provavelmente indica a intenção do autor de divulgar a produção; o fato de não ter utilizado o

¹⁰ Lembrando que os Brancos e Negros foram uma divisão do partido guelfo, sendo os Negros mais próximos ao papa.

¹¹ “around 1286 he wrote the 232 sonnets of *Il fiore*, a bawdy and brilliant Tuscan adaptation of the *Roman de la rose*” [tradução minha] (BRAND, 2008, p. 41).

latim certamente facilitava encontrar leitores para um tratado filosófico; também é interessante indicar que o título faz alusão à obra *Banquete* (SANTOS, 2014, p. 329), escrita por Platão. Ainda sobre textos com caráter teórico, *De Vulgari Eloquentia* foi escrito entre 1303 e 1304. No escrito, o autor discorre sobre a eloquência da língua vulgar traçando um extenso panorama sobre a linguística dos dialetos italianos. Apesar da riqueza na escrita é uma obra incompleta (ALIGHIERI, 2012, p. 23160) e por ser em latim revela que o público alvo era uma elite cultural, e também que Dante fazia parte desta elite letrada.

De Monarchia consiste em outra das obras de Dante. Trata-se de um tratado político e filosófico com o objetivo de comprovar a necessidade de um governo imperial. Este tratado foi dividido em três partes, que segundo o autor respondem às seguintes questões: “se a monarquia é necessária para o bem-estar do mundo”, “se a monarquia romana foi legítima” e “se o monarca depende de Deus ou do clero” (ALIGHIERI, 2003, p. 14). Provavelmente foi uma obra escrita em 1310, quando o Imperador Henrique VII chegou à Itália e foi coroado (SANTOS, 2014, p. 329), o que pode indicar que foi escrita para incentivar a adesão das cidades italianas ao sistema político do Sacro Império Romano Germânico.

Dante também escreveu 13 cartas de conteúdo político aos cardeais italianos na época do Conclave de 1314 (SANTOS, 2014, p. 329); foram compiladas com o nome de *Epistolae* e por se tratar de cartas oficiais a membros do clero foram escritas em latim. Também redigiu *Egloghe*, entre 1319 e 1320, enquanto estava em Ravena; foi endereçada a Giovanni del Virgilio, que era leitor de poesia latina da Universidade de Bolonha (ALIGHIERI, 2012, p. 22397). Como um dos últimos dos trabalhos desta personalidade de saber enciclopédico, há um texto sobre cosmologia, lido em Verona em 1320 (SANTOS, 2014, p. 329): *Quaestio de aqua et terra*.

Por fim, a *Divina Comédia* pode ser considerada o maior trabalho de Dante Alighieri; segundo Peter Brand é a síntese da cultura medieval (BRAND, 2008, p. 54). Quando se faz tal afirmação deve ser levado em consideração o contexto da Baixa Idade Média e da Península Itálica. Ao considerar a representação do Além cristão, a obra também expressa a composição de todo um mundo moral (DE SANCTIS, 1870, p. 76), um mundo onde as decisões tomadas durante a vida determinam o destino da alma, as chamas Lucíferas no Inferno, a purificação da alma no Purgatório e o Céu.

5 *Commedia*, depois “divina”

Retomando a concepção de aproximação entre a literatura e a história como campos integrados de saber para a compreensão de uma dada sociedade no tempo, a *Divina Commedia* pode ser assumida como fonte histórica para a reconstrução e compreensão de determinado contexto do baixo medievo.

A *Commedia* pode ser considerada a obra de toda uma vida. Dante iniciou a sua escrita entre 1306 e 1308, a publicação ocorreu em partes: publicou o Inferno após 1309, o Purgatório após 1313 e o Paraíso entre 1317 e 1319 (os dois últimos anos de vida do poeta) (BRAND, 2008, p. 57).

Sobre as definições que abrangem a composição de uma epopeia podem ser considerados os conceitos aristotélicos de produção literária: o gênero da tragédia seria destinado a temas de seriedade e produção de atos louváveis e a comédia estaria destinada a retratar pessoas comuns com a intenção tanto de fazer censuras quanto de expor ao ridículo (ARISTÓTELES, 2013, p. 26). Temos ainda a definição de epopeia como um texto longo, no qual não ocorre a preocupação de ultrapassar o período de um dia (ARISTÓTELES, 2013, p. 29), lembrando que esta medida de tempo provavelmente se referia à duração da encenação de uma peça, mas que também pode se traduzir no tempo de leitura de um texto. Uma comédia ou uma tragédia têm um texto mais curto que uma epopeia, podendo ser tomados como exemplo os textos de *Édipo Rei* e da *Ilíada*.

O diálogo com pessoas comuns durante a caminhada no Além seria característica marcante para determinar uma comédia, porém, a complexidade do texto e o tamanho da produção seriam característicos de uma epopeia. Os feitos do autor podem ser visualizados como heroicos, inseridos assim em uma trama complexa da tragédia. Desta maneira, expressando tanto características de tragédia quanto de comédia e se tratando de um texto longo, a *Divina Comédia* pode ser considerada uma epopeia.

O texto produzido estabelece um claro diálogo com escritos de épocas anteriores, tendo como maior exemplo Virgílio, o autor de *Eneida*, poeta que se torna guia de Dante. O texto da *Comédia*, como já citado, expressa diversos questionamentos do tempo do autor e, característico de uma epopeia, apresenta uma grandiosidade em sua produção (SANTOS, 2014, p. 18). Dante utiliza na escrita o terceto¹², fato que a diferencia de outras obras de vulto. Segundo Santos, Dante teria sido um dos primeiros a utilizar a linguagem vulgar na escrita da epopeia, o que seria uma forma de valorizar a cultura toscana (SANTOS, 2014, p. 336).

¹² Os versos são organizados de três em três, o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto e o sexto verso (ABA BCB).

Outro aspecto na construção dessa obra é a viagem ao Além; este tipo de jornada não era um tema inovador na literatura. São Paulo foi o primeiro dos heróis cristãos que teria feito a viagem ao Além e retornado para contar (LE GOFF, 2017, v. 1, p. 31); quanto aos pagãos, podem ser citadas a *Epopéia de Gilgamesh*, de origem babilônica e, entre os gregos, Teseu, Hércules e Odisseu descem ao submundo. Entre os romanos, Enéias realiza a viagem ao reino de Dite, sendo dedicado um canto inteiro da *Eneida* à composição desta jornada. Lembrando também que a composição do submundo pagão difere do cristão; na cultura grega e romana ele era o destino de todas as almas, para o cristão ele era o Inferno, onde os pecadores iriam sofrer eternamente.

Dante inaugura sua jornada ao Além em uma selva escura, selvagem e forte (ALIGHIERI, 2017, p. 25); a partir deste local caminha até o inferno, um reino sem esperança. Passando pelo limbo, encontra os filósofos, os bons pagãos. Após a descida ao Inferno, a obra assume um aspecto de subida, revelando a ascensão ao Céu, que pode ser ligada à redenção do poeta da sua situação de exílio.

Pode ser percebida na construção do universo dantesco uma esfericidade, no ideal de um mundo circular. O inferno está dividido em círculos, o purgatório em cornijas e o céu em esferas celestes. Pode ser considerada parte do pensamento, a ideia de círculos, cornijas e esferas celestes. É necessário citar que, entrando pela floresta, acabou saindo em Jerusalém e, se de um lado do globo é dia do outro seria noite, o poeta comenta que “para a Judeca está volta o outro lado / se lá anoitece, aqui surge a aurora” (ALIGHIERI, 2017, p. 229)¹³.

Provavelmente o título da *Commedia* foi atrelado aos conceitos de Aristóteles sobre comédia e tragédia. Posteriormente às primeiras publicações, Boccaccio adicionou o adjetivo ‘divina’ no título por ter achado a obra de Dante sublime (SANTOS, 2014, p. 300), o que poderia também estar relacionado à questão do maravilhoso no medievo.

A partir da visão do divino, seria possível caracterizar o maravilhoso. Segundo Le Goff, o maravilhoso medieval se configura pela “raridade e pelo espanto, em geral admirativo” (LE GOFF, 2017, v. 2, p. 122). Além disso, o maravilhoso (em uma composição oposta do milagre) não contradiz a organização natural, porém, causa espanto pela sua incompreensão, constituindo uma causa natural oculta que um dia seria compreendida (SCHIMIDT, 1999, p. 98).

Assim, a jornada de Dante pode ser entendida como integrante do maravilhoso no contexto medieval, a partir do qual o espanto e o admirável são alimentados por uma cultura

¹³ “che l’altra faccia fa de la Giudecca / Qui è da man, quando di là è sera;” (ALIGHIERI, 2017, p. 229. Inferno, Canto XXXIV, v. 117-118).

construída pelo Além cristão e pela herança romana. Este maravilhoso também pode ser considerado uma possibilidade para revelar angústias, problemas e aspirações do baixo medievo do Ocidente cristão.

6 O que é o Purgatório?

Segundo Le Goff, os precursores da ideia do Purgatório seriam Ambrósio, Gerônimo e Agostinho, durante o século IV, que apontam a possibilidade da salvação de alguns eleitos passando por um período de provações — sistema que se afirmaria no século XII (LE GOFF, 2017b, p. 12).

O Purgatório pode ser relacionado a um ‘Terceiro Lugar’, uma fuga a um sistema dicotômico dos lugares do Além, dentro da tradição judaico-cristã. Ocorre ainda a possibilidade de estar conectado a um espaço do Além, vinculado ao poder da Igreja. A exemplo disso, pode ser citado o ano de 1300, quando o Papa Bonifácio VIII concedeu aos peregrinos de Roma o perdão completo dos pecados (LE GOFF, 2017b, p. 503), o que afirma, portanto, o poder da Igreja em relação ao destino dos seus fiéis e uma possibilidade de influência dos vivos no destino dos mortos.

Ademais das provações, pode ser citada a presença do fogo no Purgatório. Diferente do Inferno, onde o fogo seria um fator punitivo às almas, no Purgatório as chamas assumiriam a função de purificação da alma, voltada para a salvação (LE GOFF, 2017b, p. 25). Este lugar do Além cristão pode ser encarado como um rito de passagem (LE GOFF, 2017b, p. 25), um lugar onde ocorreria a posterior ascensão aos Céus.

Considerando as crenças do Cristianismo no medievo, pode ser citada a presença de uma espécie de solidariedade dos vivos em relação aos mortos, através das orações e dos sufrágios que possibilitam a diminuição das penas impostas para purificação (LE GOFF, 2017b, p. 25).

Sobre o purgatório na obra analisada, Le Goff afirma que a *Commedia* seria responsável pelo triunfo poético do Purgatório; Dante teria conseguido aglutinar em seu texto os conceitos que estavam esparsos sobre este lugar (LE GOFF, 2017b, p. 50).

Considerando a geografia dos lugares do Além, o Purgatório dantesco se localiza em uma montanha situada em uma ilha; está no plano terrestre, mas é intransponível para os vivos pela necessidade de atravessar um oceano deserto. Este local estaria destinado aos que padecem devido aos desvios no amor, àqueles que, tentando cumprir as determinações do Cristianismo,

acabaram cometendo erros: “viste espiar, ora tu outro entende, que busca o bem, mas de modo faltoso” (ALIGHIERI, 2017, p. 115)¹⁴.

Na construção do lugar, primeiro estava o Antepurgatório, onde a alma esperava para ser conduzida até a entrada do Purgatório e iniciar a remissão dos pecados. Iniciando a purificação, a alma deveria passar por sete cornijas, o que pode aludir aos sete pecados capitais; em cada cornija ocorre a purgação de um erro em específico. A sequência das penas é a dos orgulhosos, invejosos, iracundos, preguiçosos, avarentos e pródigos, gulosos e luxuriosos. Por fim, no ponto mais alto da montanha, o Paraíso Terrestre, onde a alma deveria ser levada até o Céu.

Conforme a alma passa pelas cornijas a fim de cumprir as penas, diminui a quantidade de pecados que carrega, fator que também torna a subida da montanha mais fácil; assim a cada cornija que passa, mais rápido a alma vai até a próxima.

Confirmando as concepções de Le Goff sobre o fogo que não é punitivo, Dante afirma que “o alto Saber não se desmente/ por um fogo de amor cumpri, de pronto, / o que tem de expiar aqui essa gente” (ALIGHIERI, 2017, p. 44)¹⁵. Sobre este tema ainda se pode citar que quando houve a necessidade de atravessar o fogo para alcançar o Paraíso Terrestre, Dante afirmou que se o “fogo no centro, demorar mil anos / sem do cabelo teu perder um fio.” (ALIGHIERI, 2017, p. 178)¹⁶.

O Purgatório ainda pode ser considerado como um local, no Além, do reencontro da esperança, onde se acha “a entrada ao fim do trilho promissório” (ALIGHIERI, 2017, p. 63)¹⁷, um local destinado aos que já estão salvos, portanto não há possibilidade de ida para o Inferno, apenas a ascensão ao Céu.

Também se define um “prazo de validade” para o Purgatório, este local tem sua extinção atrelada ao Juízo Final; a partir desse acontecimento os que estão se purificando seriam elevados aos céus uma vez que já estão eleitos para este destino: “pensa em seu fim: por tardo que viesse / não pode o Grão Juízo ultrapassar” (ALIGHIERI, 2017, p. 71)¹⁸. Assim tem-se um consequente retorno ao modelo dicotômico do céu e inferno.

7 Purgação política

¹⁴ “si piange: or ‘vo che tu de l’altro intentde, / che corre al bem com ordine corrotto” (ALIGHIERI, 2017, p. 115. Purgatório XVII, 125-126).

¹⁵ “chè cima di giuducio non s’avvalla / perché foco d’amor compia in un punto / ciò che de’ sodisfar chi qui si astalla;” (ALIGHIERI, 2017, p. 44. Purgatório VI, 37-39).

¹⁶ “di questa fiamma stessi bem mille anni, / non ti potrebbe d’um capel calvo.” (Purgatório XXXVII, 26-27).

¹⁷ “vedi l’entrata là’ve par digiunto.” (Purgatório, IX, 51).

¹⁸ “pensa la soccession; pensa ch’al peggio / oltre sentenza non può ire” (Purgatório X, 110-111).

A primeira pessoa com quem Dante dialoga no purgatório foi descrita como “um velho solitário cujo rosto / tal o respeito suscitar ordena”¹⁹ (ALIGHIERI, 2017, p. 14. Purgatório I, 31-32); este seria Catão de Útica que questionou os viajantes sobre as leis, “Tão rompidas estão do abismo as leis?” (ALIGHIERI, 2017, p. 15. Purgatório I, 46)²⁰. A partir deste primeiro diálogo, abre-se a possibilidade da retomada dos ensinamentos romanos, assim como no Inferno — a partir do momento em que Virgílio passa a ser guia do poeta-herói. Realizando uma intertextualidade com o tratado *De Monarquia*, Dante afirma que os contemporâneos foram enriquecidos com o passado e deveriam enriquecer os sucessores (ALIGHIERI, 2003, p. 13).

No Canto VI afirmou, “Que te valeu que te arrumasse o freio / Justiniano, se a sela está vazia” (ALIGHIERI, 2017, p. 46. Purgatório VI, 88-89)²¹; completa alguns versos à frente: “de a César permitir sentar-se à sela” (ALIGHIERI, 2017, p. 46. Purgatório VI, 92)²². O texto pode ser considerado como uma indicação de que apesar das aplicações da lei de Justiniano, o local daquele que deveria aplicar as leis está vazio. Lembrando também que a maioria das cidades italianas eram cidades-estados governadas por um funcionário conhecido como *potestà*, e o pedido de intervenção de um imperador seria um questionamento a este modelo político, relacionado à percepção de que a pluralidade de governos seria má (ALIGHIERI, 2003, p. 22), afinal a “Monarquia é necessária à boa ordem do mundo” (ALIGHIERI, 2003, p. 32).

Segundo Franco Junior, o poeta realizou um chamado pelo império quando Henrique VII foi à Península Itálica (FRANCO JUNIOR, 2000, p. 41); isso pode ser visto nos versos “Ó Cesar meu, porque tanta demora?”²³ (ALIGHIERI, 2017, p. 47. Purgatório VI, 114). Neste mesmo canto ocorre uma indagação sobre os planos de Deus sobre a região da Itália: se estaria esquecida ou se faria parte de um plano maior, e esta seria uma situação satisfatória para Florença (ALIGHIERI, 2017, p. 47).

Durante o texto, novamente deposita esperanças em um Imperador, “é o imperador Rodolfo, que desfeito / podia ter o que fez a Itália morta” (ALIGHIERI, 2017, p. 52. Purgatório VII, 94-95)²⁴. Rodolfo foi coroado em 1273 com o apoio do papa Gregório X; teve como sucessor Henrique VII e ambos não conseguiram anexar a Itália ao império (LE GOFF, 2017, v. 1, p. 686).

Realizando crítica aos éditos do papa Bonifácio VIII — ao alegar este a plenitude de poder e ser o detentor do poder temporal e espiritual de toda a Cristandade —, Dante afirma

¹⁹ “vidi presso di me um veglio solo / degno di tanta reverenza in vista” (ALIGHIERI, 2017, p. 14. Purgatório I, 31-32).

²⁰ “Son le leggi d’abisso così rotte” (ALIGHIERI, 2017, p. 15. Purgatório I, 46).

²¹ “Che val perché ti rassonciasse il freno / Iustiniano” (ALIGHIERI, 2017, p. 46. Purgatório VI, 88-89).

²² “e lasciar seder Cesare in la sella” (ALIGHIERI, 2017, p. 46. Purgatório VI, 92).

²³ “Cesare mio, perché non m’accompagne” (ALIGHIERI, 2017, p. 47. Purgatório VI, 114).

²⁴ “Rodolfo imperor fu, che potea / sanar le pinghe c’hanno Italia morta” (ALIGHIERI, 2017, p. 52. Purgatório VII, 94-95)

que dois anjos descem dos céus, cada um portando um gládio (ALIGHIERI, 2017, p. 56. Purgatório VIII, 25-26), uma indicação de que os dois poderes seriam pertencentes a Deus. Isso justifica o posicionamento de Santos, que pensa que Dante seria “dualista” (SANTOS, 2014, p. 330): a Igreja seria responsável apenas pelo poder espiritual e o imperador pelo poder de reger as pessoas. Na composição desta cena ocorreu o que pode ser considerado um alerta, a presença de uma serpente no Purgatório, na tentativa de interromper a subida do Herói-poeta e fazer com que ele deixasse de revelar o que imaginava ser a verdade.

No canto IX inicia-se o Purgatório de fato e coincide com um sonho de uma águia com plumas de ouro que desce do céu, toma Dante e os dois entram no fogo (ALIGHIERI, 2017, p. 62. Purgatório IX, 19-33) — lembrando que o fogo presente no purgatório não se apresenta com um caráter punitivo. O sonho pode ser um indicativo da necessidade do Império e Dante seria o porta voz dessa necessidade representada no voo da águia, um símbolo do Império Romano.

No canto seguinte, começa a subida na montanha, onde podem observar um painel esculpido que conta parte da história de Roma, talvez com o objetivo de relembrar a história do imperador romano Trajano e retomar uma ligação com o passado romano, além da grandeza romana, permitida e reconhecida por Deus: “reconheci, por certo sinais evidentes, que a grandeza romana havia sido obra da Divina Providência” (ALIGHIERI, 2003, p. 33).

Além de demonstrar a importância de evitar o que seria pensado como pecado na cultura cristã do medievo, durante toda a construção da *Divina Comédia*, Dante deixa claro no Purgatório que “a virtude é enfeitada qual daninha / serpe, por todos; ou por desventura / da terra, ou malquerer que os descaminha” (ALIGHIERI, 2017, p. 94. Purgatório XIV, 37-39)²⁵.

Dante faz a crítica à sociedade pois “O mundo todo está mesmo deserto / de virtude qualquer, como disseste, / e de malícia grávido e coberto” (ALIGHIERI, 2017, p. 107. Purgatório XVI, 58-60) — uma situação que pode ser resolvida a partir da implantação da monarquia. Também afirma que “o mundo é cego, e dele é que tu vens” (ALIGHIERI, 2017, p. 107. Purgatório XVI, 66). Ligado a um mundo perdido, o mau governo seria o responsável por corromper toda a população (Purgatório XVI, 103-105), a exemplo das comunas que não seriam o governo ideal, de acordo com as concepções de Dante.

Segue uma crítica à Igreja, a partir da qual o feliz império romano teve seu sol apagado pela junção da espada ao báculo (ALIGHIERI, 2017, p. 109. Purgatório XVI, 106-111), ou seja, pelo aumento da influência da Igreja na vida política. Mais à frente, o texto afirma uma confusão

²⁵ “virtú cosí per mimica si fuga / da tutti come biscia, o per sventura / del luogo, o per mal uso che li fruga” (ALIGHIERI, 2017, p. 94. Purgatório XIV, 37-39).

dos poderes que a Igreja procurava deter no baixo medievo: “Pois, a igreja de Roma que planeia / ter em si dois poderes confundidos, / cai na lama e conspurca a si e a sua preia” (ALIGHIERI, 2017, p. 109. Purgatório XVI, 127-129)²⁶. O poeta também afirma em *De Monarquia* que “o poder temporal não recebe do espiritual, nem a existência, nem as faculdades, isto é, sua autoridade” (ALIGHIERI, 2003, p. 66).

Estas críticas de Dante podem ser compreendidas a partir de uma contestação do aumento de poder da Igreja no século XIII. Segundo Skinner, Bonifácio VIII publica em 1302 a bula *Unam Sanctam* a respeito dos poderes temporais e espirituais, cita ainda que “algumas cidades lombardas e toscanas começam a elaborar uma ideologia política que fosse legitimar sua contestação aos poderes e imunidades que a igreja então pleiteava.” (SKINNER, 1996, p. 37).

Em resposta aos poderes que deveriam ser acumulados pela Igreja, Dante afirma que os filhos de Eli não possuíam herança em Israel (ALIGHIERI, 2017, p. 109. Purgatório XVI, 130-133), o que anularia a necessidade de posses e de domínios pelos membros do clero. O tratado da *Monarquia*, também aborda este tema, relatando que o Império tem jurisdição sobre o que é temporal, e o fundamento da Igreja é espiritual, sendo então a Igreja inapta a receber um bem temporal (ALIGHIERI, 2003, p. 74-75).

No canto XIX, novamente pode ser observada uma crítica à Igreja quando Dante conversa com o primeiro papa, descrito como o primeiro sucessor de Pedro, que se encontra purgando o pecado da avareza (ALIGHIERI, 2017, p. 126-127. Purgatório XIX, 99-114) — um pecado que talvez possa ser relacionado a uma visão de Dante sobre os líderes da Igreja, que têm apego a riquezas e ao poder temporal. Ainda relacionado à Igreja, cita o episódio em que Carlos de Anjou foi enviado a Florença e que culminou no exílio dos Brancos e de Dante (ALIGHIERI, 2017, p. 131. Purgatório XX, 71-75).

Já tendo alcançado o Paraíso Terrestre e findadas todas as provações do Purgatório, afirmou que “Os que a idade do ouro antigamente / poetaram, e o estado seu feliz, este Parnaso deviam ter em mente” (ALIGHIERI, 2017, p. 188. Purgatório XXVIII, 139-141)²⁷, uma referência à Idade de Ouro dos Homens que, de acordo com a mitologia, seria um período no qual os homens seriam governados pelos deuses²⁸, o que na cultura cristã transporta a responsabilidade desse governo a Deus. Outro paralelo entre Deus e a figura do imperador

²⁶ “Dí oggimai che la chies adi Roma, / per confondere in sé due reggimenti, / cade nel fango, e sé brutta e la soma” (ALIGHIERI, 2017, p. 109. Purgatório XVI, 127-129).

²⁷ “Qulli ch’anticamente poetaro / l’età de l’oro e suo stato felice, / forse in Parnaso esto loco sognaro.” (ALIGHIERI, 2017, p. 188. Purgatório XXVIII, 139-141).

²⁸ Uma época de primavera eterna, onde não haviam medo das leis, sem guerras, livre de impostos onde toda a produção da terra era espontânea (OVÍDIO, 2017, p. 49-51).

romano seria a afirmação de que o paraíso é aquela Roma onde Cristo é romano (ALIGHIERI, 2017, p. 180. Purgatório XXXII, 100-103). Embasando as concepções sobre a Idade de Ouro, Dante afirmou em *Da Monarquia* que,

“O signo de Saturno significava os tempos felizes, também chamados a Idade de Ouro. A plena justiça só existe sob a Monarquia, por isso, para a ordem excelente e perfeita do mundo, é necessário a Monarquia ou Império” (ALIGHIERI, 2003, p. 23).

Assim findaram todos os desafios do poeta e transmitiu-se uma parcela dos saberes sobre o império e sobre um ideal de governo pelo qual ele estaria “puro e disposto a subir às estrelas” (ALIGHIERI, 2017, p. 220. Purgatório XXXIII, 145)²⁹.

8 Considerações finais

As temáticas que podem ser encontradas em uma mesma fonte são difíceis de serem esgotadas; o próprio autor da obra analisada faz um aviso ainda estando no contexto do Inferno: “Ó intelectos sadios e judiciosos, / entendei a doutrina disfarçada / sob o velame dos versos curiosos” (ALIGHIERI, 2017, p. 75. Inferno IX, 61-63)³⁰.

O caminho do Purgatório seria um caminho de esperança, em direção ao paraíso terrestre para finalmente alcançar o Céu; um caminho que dirige à felicidade (ALIGHIERI, 2003, p. 18) e conseqüentemente que mostraria alguns vislumbres do que Dante imaginava ser o sistema político ideal. Realiza um apontamento para Deus, o monarca celeste, compreendendo que a humanidade deveria seguir um sistema de espelhamento daquele de Deus. O que pode ser descrito como uma tentativa de convencimento da implantação de uma monarquia.

Mesmo lutando contra o crescimento do poder da Igreja, Dante considerava “O universo inteiro não é nada mais do que um vestígio da divina bondade” (ALIGHIERI, 2003, p. 20), assim não abandonava as concepções cristãs. Porém, buscava questionar a interpretação sobre os poderes que estavam submetidos à Igreja e ao monarca e a plenitude de poder do Vigário de Cristo. Assim, como buscava uma centralização da Itália com um imperador, afirmava que sob o domínio do imperador a humanidade viveria a Idade de Ouro, um sistema imaginado por Dante como o ideal.

Referências

²⁹ “puro e disposto a salire a le stelle” (ALIGHIERI, 2017, p. 220. Purgatório XXXIII, 145).

³⁰ “O voi ch'avete li'ntelletisani / mirate la dottrina che s'aconde / sotto'l velame di versi strani” (Inferno IX, 61-63).

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia – Inferno**. Edição bilingue. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia – Purgatório**. Edição bilingue. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia – Paraíso**. Edição bilingue. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. [S.l.]: LL Library: 2003.

ALIGHIERI, Dante. **Da monarquia/ Vida nova**. São Paulo: Martim Claret, 2003.

ALIGHIERI, Dante. **Opere complete di Dante Alighieri**. [S.l.]: Delphi Classics, 2012.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética e Tópicos I, II, III e IV**. Tradução de Marcos Ribeiro de Lima. São Paulo: Hunter Books, 2013.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BRAND, Peter; PERTILE, Lino. **The Cambridge History of Italian literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

DE SANCTIS, Francesco. **Storia della letteratura italiana**. [S.l.]: Kentauron, 1870.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Dante, o poeta absoluto**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LE GOFF, Jaques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jaques. **Dicionário analítico do Ocidente Medieval**. 2 v. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LE GOFF, Jaques. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu. **Albuquerque**, revista de história, Aquidauana MS, vol. 8, n. 16, p. 92-11, jul./dez, 2016.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7.; ENCUESTRO DE GEOHISTORIA REGIONAL, 35., SEMANA DE HISTORIA, 20., 2015, Maringá-PR. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2015. Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1318.

MAQUIAVEL, Nicolau. **História de Florença**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilingue. São Paulo: Editora 34, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [Em línea], Debates, [S.l.], 28 jan. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em 18 ago. 2019. DOI : <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, Dominique (org.). **Grandes epopeias da antiguidade e do medievo**. Blumenau: Edifurb, 2014.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.